

Nietzsche e o diagnóstico de decadência para a Alemanha do século XIX

Nietzsche and the diagnosis of decadence for the XIXth century Germany

Diogo Bogéa*

RESUMO: Temos por objetivo neste trabalho, apresentar a visão de Nietzsche sobre as principais forças políticas, sociais e culturais em jogo na Alemanha na segunda metade do século XIX – nacionalismo, liberalismo, cristianismo, ideais democráticos e socialistas – procurando esclarecer por que, segundo ele, seu tempo estaria permeado de profundos sintomas de *decadência*. Após uma definição do próprio conceito de decadência, analisaremos especialmente o primeiro tratado da obra *A Genealogia da Moral*, intitulado “Bem, mal, bom, mau”, buscando no pensamento crítico aí expresso, que apresenta a lógica da moral cristã de ressentimento, a chave de explicação nietzschiana para tal decadência de seu tempo.

ABSTRACT: Our objective in this paper is to present Nietzsche’s vision on the main cultural, social and politic forces in Germany, in the second half of the XIXth century – nationalism, liberalism, christianism, democratic and socialist ideals – trying do figure out why, in his opinion, his time is permeated by deep decadence symptoms. After defining the concept of decadence itself, we’ll analyze carefully Genealogy of morals’ first section, entitled “Good and evil, good and bad”, trying to find in the critic thought expressed in this work, that presents the christian moral of the resentment’s logic, the key of explanation to the so called decadence of his time.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Decadência. Moral.

KEYWORDS: Nietzsche. Decadence. Moral.

1. Introdução

“Nossa época está madura em certo sentido (isto é, decadente)”¹. Estas são palavras de Nietzsche em um de seus fragmentos póstumos. A partir desta afirmação, vamos estudar o contexto histórico em que Nietzsche viveu, as principais idéias que circulavam na Alemanha na segunda metade do século XIX, procurando esclarecer por que, na visão do autor, as idéias de seu tempo são sintomas de *decadência*. Depois de definir o próprio conceito de decadência, vamos analisar em especial a

* Mestrando em Filosofia - PUCRJ - CNPq - Contato: diogobogéaa@hotmail.com

¹ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 158

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

primeira seção de *A Genealogia da Moral*, buscando no pensamento crítico expresso nesta obra a chave de explicação nietzschiana para o diagnóstico de decadência para seu tempo.

Em *A Genealogia da Moral*, obra de 1887, Nietzsche compreende a moral como a inversão dos valores aristocráticos pelos fracos e despossuídos. Fruto, portanto, do ressentimento dos últimos face aos primeiros. Nietzsche chama esta moral de “moral cristã de ressentimento” ou “moral de rebanho”. Nas idéias de seu tempo – nacionalismo, liberalismo, democracia, socialismo, culto do Estado, busca do conforto material, cultura como acumulação de saber e especialização intelectual – Nietzsche vê claras manifestações desta moral cristã de ressentimento, a qual, como veremos, está diretamente relacionada ao diagnóstico de decadência.

2. O conceito de decadência

Em primeiro lugar, é necessário um esclarecimento sobre o próprio conceito de *decadência*. Nietzsche desenvolve e trabalha a fundo este conceito em suas últimas obras: *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo*, *O Caso Wagner*, *Ecce Homo* – todas de 1888 – e *Vontade de Poder* – esta última, uma compilação póstuma, organizada por sua irmã e por Peter Gast, o mais fiel de seus amigos. Na introdução de *O Caso Wagner*, Nietzsche afirma: “Minha preocupação mais íntima sempre foi, na realidade, o problema da decadência”². E, de fato, deu tanta importância ao tema nesses últimos anos de produção literária que Jean-Edouard Spenle em seu livro *O Pensamento Alemão*, introduz Nietzsche da seguinte maneira: “o grande ‘psicólogo da decadência’, analisou os seus sintomas nos mais variados domínios: arte, religião, filosofia”. Mas, suas críticas não se limitam ainda a estes três domínios:

Pouco a pouco o inquérito alargava-se. Toda a nossa civilização moderna passava pelo crivo do severo exame. Por toda a parte encontrava Nietzsche os mesmos sintomas de emburguesamento, de decadência irremediável, de decomposição de todos os valores superiores.³

Decadência representa uma grande fraqueza, cansaço, esgotamento, degeneração da força a tal ponto que se faz da própria fraqueza um ideal, um objetivo. Manifesta-se tanto nos indivíduos quanto nas sociedades, e seus sintomas se apresentam desde os sistemas fisiológicos até a arte, filosofia, religião e política. E o pior é que esta degeneração

não é pressentida, de tal modo ela é um hábito; esta lassidão não se conhece a si própria; inventou narcóticos, estupefacientes, paraísos artificiais, toda uma farmacopéia de eutanásia para se iludir a si própria. Porque o que caracteriza o

² NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 13

³ SPENLE, J. E. *O Pensamento alemão – de Lutero a Nietzsche*. Trad: Mário Ramos. Coimbra: Armênio Amado. 1973, pp. 171-172

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

decadente é o não se querer restabelecer; não reage contra a sua própria doença; encontra-a, pelo contrário, infinitamente interessante e atraente ⁴.

Como diz Nietzsche: “O erro no tratamento: não querem combater a fraqueza por um sistema fortificante, mas por uma espécie de justificação e de moralização”⁵ e assim apenas a intensificam. Na obra *A vontade de potência*, Nietzsche discorre longamente sobre a definição e os sintomas de decadência.

Querem fraqueza. Por quê?... Na maioria das vezes porque são fracos necessariamente. — O *enfraquecimento* considerado como uma missão: o enfraquecimento dos desejos, das sensações de prazer e desprazer, da vontade de potência, do sentimento de altivez, do desejo de ter e de ter mais; o enfraquecimento como humilhação; o enfraquecimento como crença; o enfraquecimento como desgosto e vergonha de tudo o que é natural, negação da vida, doença, e fraqueza habitual... o enfraquecimento que renuncia à vingança, à resistência, à inimizade e à cólera ⁶.

3. Moral de ressentimento

Veremos agora em que medida a crítica nietzschiana à moral cristã é a chave de explicação para aquilo que ele chama de *decadência* do seu tempo. A moral cristã, fundada nas noções de “altruísmo”, “compaixão” e “piedade” era até então compreendida como sendo sagrada, divina e os valores que ditava eram considerados eternos e absolutos, superiores, inquestionáveis. Por outro lado, havia tentativas de realização de uma história dos valores morais, por historiadores os quais Nietzsche denuncia como infelizmente desprovidos do espírito histórico. A falha destes historiadores seria terem baseado a consolidação dos valores morais na “utilidade” que teriam para a comunidade as ações “altruístas”, posteriormente consideradas “boas”, e então, fixadas como valores morais superiores.

No primeiro tratado de *A Genealogia da moral*, Nietzsche contrapõe-se a estas duas concepções: despe os valores morais de suas vestes sagradas e compreende que a teoria utilitária da moral “procura e fixa a origem de emergência do conceito de ‘bom’ num lugar em que não está”⁷. Nietzsche denuncia a moral como sendo a inversão dos valores nobres e aristocráticos pelos fracos e despossuídos – fruto do ressentimento dos últimos face aos primeiros.

Deixando de se preocupar em procurar a origem da moral para além do mundo, seus problemas se transformam e as questões que se colocam são “De que modo inventou o homem essas

⁴ SPENLE, J. E. *O Pensamento alemão – de Lutero a Nietzsche*. Trad: Mário Ramos. Coimbra: Armênio Amado. 1973, p. 174

⁵ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 129

⁶ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 128

⁷ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 24

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

apreciações ‘o bem e o mal’? E que valor têm em si mesmas?”⁸. Investigar o valor dos valores, este será o ofício de Nietzsche. Realiza então, uma análise crítica dos valores morais, procurando “conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se desenvolveram e nos quais se deformaram”, revelando a moral como “conseqüência, como sintoma, como máscara, hipocrisia, enfermidade, equívoco; mas também a moral como causa, remédio, estimulante, inibição, veneno”⁹.

Nietzsche vai buscar na etimologia o significado das palavras “bom” e “mau” em diversas línguas e por toda parte descobre “bom” como sinônimo de “nobre”, “forte”, “aristocrático”, “que possui uma alma de natureza elevada”. “Bom” era o valor que os próprios aristocratas se auto-atribuíam, por se reconhecerem como os melhores, os poderosos, os mais fortes, os mais nobres, os mais ricos, os mais felizes, enquanto “mau”, era utilizado por eles para designar o homem “comum”, “plebeu”, “baixo”¹⁰. “Foram os próprios ‘bons’, os homens nobres, os poderosos, (...) que julgaram e fixaram a si e a seu agir como ‘bom’ (..) em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu”. Foi o desejo de estabelecer uma marca de distinção e orgulho que “os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores” e não por ver neste tipo de classificação alguma utilidade: “que lhes importava a utilidade!” Sendo assim, fica claro que, em sua origem, “o vocábulo ‘bom’ não está absolutamente ligado necessariamente a ações ‘não-egoístas’”. Pelo contrário, é justamente quando os valores aristocráticos declinam que surge a oposição entre egoísta e não-egoísta. É “o instinto gregário que acaba por encontrar sua expressão (e também por apoderar-se das palavras)”¹¹.

No próprio alemão, Nietzsche encontra na palavra *slecht* (mau), uma correspondência com a palavra *slicht* (simples), que era utilizada para designar o homem simples, comum, por oposição a *gut* (bom), que ele acredita derivar de *gottlich* (divino), significando o homem de origem divina e *goth*, palavra originalmente utilizada para designar a nobreza. No iraniano e no eslavo, encontramos *arya* significando “os ricos, os possuidores”, como valor que os aristocratas utilizavam para se auto-designar. No grego, *kakós* (mau), significa plebeu, covarde, em oposição a *agathós* (bom). Também a palavra gaélica *fin*, utilizada para designar a nobreza, significa “o bom”, “o nobre”, “o puro”. No latim, *bonus* (bom), deriva de *duonus*¹², o guerreiro, e em Roma o guerreiro era o “bom”¹³. Fica claro, então, que são os poderosos que forjam o valor “bom” para se auto-designar, como sinal de distinção e orgulho e são eles mesmos que garantem a legitimidade deste valor. Eles são os nobres, os fortes, têm a espada nas mãos e sabem como usá-la, portanto, são a própria garantia dos valores que criam e

⁸ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 15

⁹ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 18

¹⁰ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 27

¹¹ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, pp. 24-25

¹² Assim como *bellum* (guerra) de *duellum* (duelo), onde o radical *duo* dá o sentido de oposição, conflito. Sugestão elogiada pelo renomado crítico e escritor dinamarquês Georg Brandes em carta a Nietzsche. (ver BRANDES, Georg. *Friedrich Nietzsche*. Trad. A.G. Chater. New York: Wright Press, 2008, p. 87)

impõem naturalmente. Ora, à parte os preconceitos morais, nada pode ser mais natural que os fortes e poderosos serem os “bons” e que os valores superiores sejam o orgulho, a força, a coragem, a distinção, a vontade de dominar.

Mas os fracos e despossuídos se ressentem do poder dos fortes e dos felizes. Desejam o poder, mas falta-lhes a força e a coragem para lutar por seu objetivo. Seus desejos de poder, longamente reprimidos, dão origem a um grande ódio, um grande desejo de vingança, que cresce internamente, silenciosamente, tal qual uma planta venenosa cuidadosamente cultivada em segredo. Nietzsche identifica estes homens fracos com os sacerdotes. Afirma que são eles os “inimigos mais malignos (...) porque são os mais desprovidos de poder. É essa impotência que faz crescer neles um ódio monstruoso, inquietante, até torná-lo supremamente espiritual e supremamente venenoso”¹⁴.

Os fracos, então, conduzidos pelos sacerdotes, deram curso à sua grande vingança “por meio de uma inversão radical dos valores morais”. Armados com seu ódio impotente proclamaram as novas verdades:

só os miseráveis são os bons, os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons, e ainda aqueles que sofrem, os necessitados, os enfermos, os doentes, os feios são também os únicos seres piedosos, os únicos abençoados por Deus, só para eles existe a bem-aventurança – quanto aos outros, os nobres e poderosos, são por toda a eternidade os maus, os cruéis, os concupiscentes, os insaciáveis, os ímpios, são por toda a eternidade os réprobos, os malditos, os condenados...¹⁵.

Assim começa “a sublevação dos escravos na moral, sublevação que já tem dois mil anos de história e que hoje perdemos de vista pela única razão que acabou por adjudicar a si a vitória”¹⁶.

Podemos explicar a íntima relação entre a moral cristã e a decadência da seguinte forma: A moral cristã é, ao mesmo tempo, o mais profundo sintoma de decadência e seu mais poderoso instrumento. É sintoma da vida que decai e, derivando seus ideais mais nobres da fraqueza, enfraquece e esgota a vida. Assim,

se tivermos a vista treinada para descobrir os sinais do declínio, os compreenderemos em decorrência a moral – compreenderemos aquilo que se oculta sob seus mais sagrados nomes e suas formas de valor: a vida depauperada, a vontade de morrer, o grande cansaço. A moral renega a vida...¹⁷

Pregando valores de abnegação, piedade, compaixão, negação dos instintos, a moral deteriora a vida: “O que é certo é que se tem ensinado como valores supremos unicamente valores de decadência. A moral da renúncia a si mesmo é a moral de decadência *par excellence*”.¹⁸ Aqueles que

¹³ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 28

¹⁴ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 31

¹⁵ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 31

¹⁶ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 32

¹⁷ NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 13

¹⁸ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 120

se toma por ideais mais nobres são na verdade o veneno que atenta contra a vida, ou pelo menos, contra a vida ascendente:

Minha perspectiva total do mundo dos valores demonstra que, nos mais altos valores agora colocados acima da humanidade, não são os acasos felizes, os tipos de seleção que têm superado, mas os tipos de *decadência*¹⁹.

A moral de ressentimento busca a conservação do rebanho e a satisfação de suas necessidades, é baseada em valores altruístas. Condena, portanto, os instintos egoístas – que são os próprios instintos naturais –, e busca suprimir o mais forte, o que se destaca, o excepcional. “A moral anti-natural, isto é, toda moral ensinada, venerada e predicada até agora, se dirige, ao contrário, contra os instintos vitais”²⁰. “Não existem absolutamente ações ‘desinteressadas’. As ações, onde o indivíduo é infiel aos seus próprios instintos e escolhe em seu prejuízo, são índices de *decadência*”²¹.

O que vai nos interessar aqui é a *decadência* que se manifesta nas sociedades. Nietzsche explica que “Cada época possui em sua parte de força também uma parte pela qual algumas virtudes lhe são negadas”, de modo que “ou possui as virtudes da vida crescente” e então “resiste com todas as suas forças às virtudes da vida declinante”, ou então “é ela própria vida declinante – (...) e detesta tudo o que se justifica apenas pela plenitude, pela superabundância de forças”²². As sociedades decadentes são aquelas que fazem da fraqueza e da mediocridade um ideal, buscam o nivelamento, a supressão das diferenças, das desigualdades, do excepcional. Ao invés de buscar a elevação da humanidade através do cultivo de um tipo superior de homem, forte e criador, procura a conservação, o conforto e a “felicidade” da maioria. Ao invés da hierarquia e da distância, o nivelamento e a igualdade.

O que há de pior, o que há de irreparável, é o progressivo nivelamento de todos os valores, a degradação de todas as energias, o igualitarismo universal, o marasmo generalizado (...), um mar humano desesperadamente uniforme, onde se não agitará uma única tempestade, nenhuma ventania, nenhum estremecimento em profundidade²³.

4. A Alemanha de Nietzsche

Em 1865, quando Nietzsche, aos vinte anos, ingressa como estudante de Filologia na Universidade de Bonn, Bismarck havia subido ao poder a apenas dois anos, como primeiro ministro do rei Guilherme I da Prússia, e já empreendia a primeira das três guerras que consolidarão a

¹⁹ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 275

²⁰ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 40

²¹ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 332

²² NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 48

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

unificação alemã. Esta primeira guerra se deu em associação com a Áustria, potência concorrente da Prússia pelo comando da Confederação Germânica – composta por um império (Áustria), 5 reinos, 18 grão-ducados ou ducados, 11 principados e 4 cidades livres – contra a Dinamarca. Esta mesma guerra, em seguida, será o pretexto para um enfrentamento direto com a Áustria, em 1866, saindo a Prússia de Bismarck vitoriosa²⁴.

Após a Guerra contra a Áustria, Bismarck dá um passo significativo em direção à unificação, reunindo os estados do Norte na Confederação do Norte. O passo definitivo se realiza em 1871, com a guerra franco-prussiana. Bismarck apresenta aos alemães esta guerra como sendo de defesa, exacerbando os sentimentos nacionalistas – inclusive os do próprio Nietzsche, na época, já professor de Filologia na Universidade da Basileia, que participa da guerra como enfermeiro voluntário –, e trazendo finalmente os Estados do Sul para seu lado. Os franceses são derrotados com larga vantagem e, do Palácio de Versailles, é proclamado o Império alemão, com Guilherme I Imperador e Bismarck chanceler. Assim se realiza a unificação da Alemanha, historicamente dividida em pequenos pólos de poder – príncipes e aristocracias locais.

Na Alemanha, embora toda tentativa de avanço liberal no campo da política tenha sido neutralizada – vide o completo fracasso dos movimentos de 1848 –, na economia já se havia realizado desde 1834 o Zollverein, união aduaneira. A partir de 1850, a Alemanha “vê abrir-se à sua frente uma era industrial e capitalista”²⁵, o que gera a formação de uma poderosa burguesia. Estas elites burguesas, desfrutando de grande prosperidade, organizadas no partido nacional-liberal, constituirão a base de apoio de Bismarck desde sua ascensão ao poder até quase meados de seu governo. Aos poucos, vão se misturando aos setores aristocráticos e progressivamente aumentando sua influência nos assuntos do Estado. Bismarck institui um sistema político bicameral, com uma Câmara alta (*Bundesrat*), formada por representantes da aristocracia dos Estados e uma Câmara baixa (*Reichstag*), composta por delegados eleitos por sufrágio universal masculino direto. “Criando um parlamento nacional, Bismarck inserira elementos democráticos e populares na estrutura do Reich”²⁶.

Em franca oposição ao governo bismarckiano, encontram-se os sociais-democratas. No entanto, constituem apenas uma minoria e, no fim de seu governo, Bismarck irá procurar acalmar seus ânimos – com algum sucesso – por meio de políticas assistencialistas.

Tal é o momento na Alemanha de Nietzsche: sentimentos nacionais exaltados, animados pelas recentes vitórias militares; grande prosperidade material, impulsionada pelos avanços industriais e capitalistas, acompanhados pela ascensão econômica e política de uma elite burguesa liberal e, ainda,

²³ SPENLE, J. E. *O Pensamento alemão – de Lutero a Nietzsche*. Trad: Mário Ramos. Coimbra: Armênio Amado. 1973, p. 173

²⁴ DRIJARD, A. *Alemanha: panorama histórico e cultural*. Trad: António Pescada. Lisboa: Dom Quixote. 1972, p. 129

²⁵ DROZ, J. *História da Alemanha*. Trad: André Luis C. Monteiro. Lisboa: Europa-América. 1985, p. 44

de reivindicações socialistas. Além disso, trata-se de uma sociedade cristã, majoritariamente luterana, à parte alguns intelectuais e partidários do socialismo que se haviam livrado da ilusão religiosa do tipo cristã.

5. Liberalismo e ideais democráticos

Para Nietzsche o liberalismo torna o homem medíocre. Seus ideais de prosperidade, conforto, a aquisição de propriedades e de dinheiro como uma finalidade superior, não incentivam os humanos a criar nada para além de si mesmos. Pelo contrário, têm como ideal máximo a própria vida medíocre: a vida materialmente próspera e confortável à qual todos aspiram, em massa, em rebanho. Por isso, “O título honroso para o que é *medíocre*, é, como se sabe, a palavra *liberal*”²⁷. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche faz uma dura crítica às instituições liberais:

já se sabe aonde conduzem, minam surdamente a vontade de potência, são a nivelção da montanha e do vale erigida em moral, tornam o homem pequeno, covarde e ávido de prazeres; o triunfo das cabeças de gado do rebanho as acompanha. Liberalismo equivale a embrutecimento de rebanho²⁸.

Descartes, iniciador da filosofia moderna, inaugura uma linha de pensamento que tem por fundamento o sujeito racional como existente, verdadeiro. Isso está claro em sua grande base teórica: “Eu penso, eu existo”. As idéias liberais estão fundadas nos pensadores iluministas, teóricos do direito natural (jusnaturalismo) e do contrato social (contratualismo), principalmente Locke, Adam Smith, Kant, que têm como fundamento a idéia da existência de um “sujeito” sede de direitos, racional, consciente e livre para escolher, portanto, capaz de firmar “contratos” entre si, assim como também as idéias democráticas, fundamentadas em Rousseau, para quem o que é legítimo na organização política é a vontade da maioria, a vontade geral. A própria organização do Estado moderno baseia-se nestas idéias, além de Montesquieu – idealizador da divisão dos poderes.

Nietzsche nega a base fundamental destes ideais: o sujeito racional, sede de direitos e livre para escolher. Para ele só há forças e relações entre forças, e cada ação, cada acontecimento são absolutamente inevitáveis, pois são as conseqüências necessárias de um determinado encadeamento de relações de força, portanto não há “escolha”, nem mesmo há um agente por trás da ação. Toda ação é produzida naturalmente pela própria conjunção de incontáveis circunstâncias decorrentes do arranjo de forças que lutam pelo poder a cada instante. Ou seja, só há ações, só há acontecimentos. O “sujeito” é uma ficção adicionada posteriormente ao ato:

²⁶ KENT, G. O. *Bismarck e seu tempo*. Trad: Lúcia P. Caldas de Moura. Brasília: UNB. 1982, p. 86.

²⁷ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Escala, s/d, p. 309

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

Uma quantidade de força corresponde exatamente à mesma quantidade de impulso, de vontade, de produção de feitos, e não pode parecer de outro modo, senão em virtude da sedução enganosa da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela estão petrificados), a qual compreende, e compreende de viés, toda produção de efeitos como condicionada por uma coisa que exerce feitos, por um ‘sujeito’. De igual modo, com efeito, como o povo distingue entre o raio e seu esplendor e considera este último como agir, como efeito exercido por um sujeito chamado raio, assim também a moral do povo distingue o vigor das exteriorizações desse vigor como se houvesse atrás do vigoroso um substrato neutro ao qual competiria em toda liberdade exteriorizar ou não seu vigor. Mas tal substrato não existe, não há um ‘ser’ atrás do agir, da produção de efeitos, do vir a ser; o ‘agente’ é pura e simplesmente acrescido de maneira imaginativa o agir – o agir é tudo²⁹.

Nietzsche “rejeita a teoria do contrato social como não mais do que o reflexo de uma moralidade de escravo, que pretende seduzir os fortes e convertê-los à moral dos fracos”³⁰. Denuncia ainda Rousseau “como o ‘idealista *canaille*’ que infundira na revolução uma ‘moralidade e doutrina da igualdade’ que eram os ‘mais venenosos de todos os venenos’”³¹.

Assim, o pensamento de Nietzsche “desafia os conceitos básicos e as mais profundas convicções das sociedades liberais”³². Para ele “os indivíduos só podem alcançar ‘valor’ colocando-se a serviço da cultura”. E cultura para Nietzsche é “o cultivo de grandes ou verdadeiros seres humanos”, aqueles que representam “as forças ascendentes da ‘vida’”³³.

Os democratas também encontram na mediocridade seu ideal: “Sua aspiração é a felicidade do rebanho, as verdes pastagens, a segurança e o bem-estar”. Além do mais, impregnados da moral ressentida, “as duas cantilenas que repetem até o cansaço são ‘a igualdade dos direitos’ e a ‘compaixão relativamente a todo ser que sofre’”³⁴. A democracia “pretendia entronizar parlamentos e maiorias populares onde ‘animais de rebanho se convertiam em senhores’”³⁵. Para Nietzsche, o movimento democrático é apenas uma manifestação secular da moral cristã, com seus ideais de nivelamento e igualdade, derivados da igualdade cristã das almas perante Deus e de seus ideais de “piedade” e “compaixão” pelas camadas inferiores da sociedade, que como vimos é um artifício dos fracos para dominar os fortes: “chegamos a encontrar a moral até nas instituições políticas e sociais; de tal modo

²⁸ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 88

²⁹ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 42

³⁰ ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 54

³¹ MAYER, A. *A Força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras. 1987, p. 279

³² ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 26

³³ ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 26

³⁴ NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 58

³⁵ MAYER, A. *A Força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras. 1987, p. 279

que cada vez é mais evidente que para esta moral o movimento democrático é o herdeiro do movimento cristão”. Apenas alimentam “sua fé no rebanho coletivo. isto é, neles mesmos”³⁶.

Como a democratização leva a um nivelamento, suprimindo o excepcional, o que se destaca, inibindo o que quer elevar-se, representa uma forma de decadência da sociedade e da própria humanidade: “o movimento democrático representa não apenas uma forma de decadência da organização política, mas também uma forma de decadência, isto é, uma diminuição do homem, uma mediocrização, um abaixamento do seu valor”³⁷. Nesta exaltação do nivelamento e da igualdade reconhece-se uma manifestação da moral cristã: “A democracia é o cristianismo tornado natural”. No entanto, na verdade o que os pregadores da igualdade querem, não é mesmo “igualdade”, mas tomar para si o poder:

Na realidade os oprimidos, os inferiores, toda a grande massa dos escravos e dos semi escravos *querem atingir o poder*. Primeiro degrau: eles se libertam, — ao início resgatam se pela imaginação, reconhecem-se uns aos outros, e impõem-se. Segundo degrau: entram em luta, querem ser reconhecidos: direitos iguais, “justiça”. Terceiro degrau: exigem privilégios (— arrastam os representantes do poder para o seu lado). Quarto degrau: querem o poder para eles *somente e obtêm-no...*³⁸.

6. Socialismo

O socialismo surge como movimento de contestação à organização social emergente, denunciando seu caráter essencialmente burguês, idealizado e realizado por e para a classe burguesa e trazendo uma “proposta de mudança da organização econômica e política da sociedade, visando o interesse geral, contra o interesse de uma ou mais classes privilegiadas, com base nas idéias de igualdade e justiça social”³⁹. Para Nietzsche, assim como a democracia – que “é o cristianismo tornado natural”, o socialismo “é apenas a seqüência dos maus hábitos introduzidos em desmedida proporção pelo ideal cristão”⁴⁰.

Encontramos no socialismo, mais uma vez, a exaltação da igualdade e a idéia de que “justiça” é o poder nas mãos das classes mais baixas da sociedade. Com sua defesa apaixonada dos fracos e oprimidos, o socialismo é o cristianismo com trajes seculares. É um cristianismo sem Cristo, talvez por isso mesmo, possam dispensar a religião e até voltar-se contra ela em suas formulações teóricas. Afinal, as próprias doutrinas socialistas já são baseadas num sistema de crenças, tais como a crença na

³⁶ NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 113

³⁷ NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 115

³⁸ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Escala, s/d, p. 165

³⁹ JAPIASSU, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008 p. 256

⁴⁰ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Escala, s/d, p. 188

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

“justiça social”, na “igualdade” como algo desejável e alcançável, a crença num “futuro melhor” livre de conflitos, em que os mais pobres gozam de “paz” e “felicidade”. Trata-se de uma clara manifestação do ideal cristão. A piedade para com todo aquele que sofre e o ódio aos superiores, aos donos do poder, que como vimos, nada mais é que um artifício de dominação utilizado pelos fracos e despossuídos.

Os socialistas tornam o trabalhador “invejoso”, “lhe ensinam a vingança...” E quanto a seu conceito de “justiça”, Nietzsche rebate: “A injustiça nunca está desigualdade de direitos, mas na exigência de direitos ‘iguais’”⁴¹. O ideal socialista representa uma “*degeneração universal do homem*” rumo a isto que aos socialistas – aos cabeças de abóbora se apresenta como o ‘homem do futuro’”. Partidários de uma perfeita supressão das desigualdades, aspiram, na verdade, a uma “diminuição do homem até torná-lo um homem de rebanho perfeito (ou ainda, como dizem, o homem da ‘sociedade livre’)”⁴².

Como dissemos anteriormente, é notável a proximidade entre o ideal socialista e a moral cristã e Nietzsche explora bastante este ponto: “a nova de que a conquista da felicidade está aberta aos humildes, aos pobres, — que basta libertar-se das instituições, da tradição, da tutela das classes superiores”, assim, “a ascensão do cristianismo não é mais nem menos que a *doutrina socialista por excelência*”⁴³. Nietzsche nega, inclusive, na sequência desta passagem, que o crescimento do movimento socialista se dê por que as condições das classes baixas estejam piores, insuportáveis, mas pelo contrário, justamente por que sua condição começa a melhorar ela se torna um “problema”, uma questão a ser considerada até pelas camadas superiores da sociedade. É assim que Nietzsche ilustra este fato: “Não é a fome que engendra as revoluções, é o fato de que no povo o apetite vem quando come...”⁴⁴.

Quanto à sua crença em um futuro “melhor” à sua maneira, quer dizer, um futuro no qual os pobres, fracos e despossuídos são os “mais felizes” e vivem em “paz”, “deslocou-se para o futuro a vinda do ‘reino de Deus’, colocando-o sobre a terra, dando-lhe um sentido humano, — mas no fundo conservou-se apenas a crença no ideal antigo...”⁴⁵.

⁴¹ NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 111

⁴² NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 115

⁴³ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 166

⁴⁴ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 166

7. Nacionalismo

Após a vitória militar de 1871, o nacionalismo, o orgulho e o otimismo tomaram conta dos alemães. Por outro lado, aos poucos desenvolveu-se uma corrente pessimista na Alemanha, que criticava os avanços industriais, tecnológicos e capitalistas e idealizavam uma vida simples no campo ou a valorização da produção cultural desinteressada e não como forma de comércio. O fato é que se desenvolveu um verdadeiro culto de massa ao novo Reich. Por isso Zaratustra chama o Estado de “o novo ídolo”.⁴⁶ A instituição do serviço militar obrigatório e as reformas educacionais em todo o Reich uniformizavam e massificavam também os espíritos.

Nietzsche criticava o nacionalismo como um movimento massificante, de uniformização dos homens. Nietzsche tem uma concepção de cultura como aquela característica do século XVIII e do início do XIX, ou seja, cultura para ele é um processo, é o cultivo de grandes homens. Para ele, o novo sentido do termo “cultura”, cristalizado e diretamente associado ao Estado nacional é sinal de uma degeneração.

O problema da sociedade alemã era que ela estava se tornando dominada por interesses puramente de política do poder e, em sua luta pela identidade nacional através de políticas estatais e militaristas, experimentaria o fim da cultura, ficando pronta para o florescimento de um cru e agressivo nacionalismo⁴⁷.

Na sua visão, o Estado é antagonista da cultura e em sua época vê todas as forças voltadas para o desenvolvimento do Estado:

Pode-se calcular aproximadamente certos custos: não é apenas evidente que a cultura alemã está em decadência, mas também não falta razão suficiente para que isso aconteça. Enfim, ninguém pode despende mais do que possui: isto vale tanto para os indivíduos, quanto para os povos. Depende se muito com o poder, com a grande política, com a economia, com o comércio internacional, com o parlamentarismo, com os interesses militares - se dissiparmos com *este lado o quantum* de entendimento, de seriedade, de vontade, de auto-superação, que se é, então ele faltará para o outro. A cultura e o Estado – que não nos enganemos quanto a isso – são antagonistas: o ‘Estado Cultural’ é apenas uma idéia moderna. Cada um deles vive do outro, cada um prospera à custa do outro⁴⁸.

Portanto, “o ‘nacionalismo’, para Nietzsche, representa a ‘doença anticultural’ *par excellence*”⁴⁹.

⁴⁵ NIETZSCHE, F. *A Vontade de Potência (Volumes 1 e 2)*. Trad: Márcio D. Ferreira dos Santos, São Paulo: Escala, s/d, p. 188

⁴⁶ NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Trad: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, s/d, p. 55

⁴⁷ ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 22

⁴⁸ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 59

⁴⁹ ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 41

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

Já em 1870, Nietzsche manifesta suas preocupações com o superdesenvolvimento do estado prussiano: “Tenho as maiores preocupações quanto à marcha da civilização, nos tempos próximos. Oxalá não tenhamos de pagar os enormes êxitos nacionais com perdas noutros setores, minoração com que, eu pelo menos, não me resignaria”.⁵⁰

O principal fato que fundamenta a denúncia de um dispêndio de forças exagerado para o desenvolvimento do Estado, em detrimento da cultura, é o que se tornou a educação na Alemanha unificada. Promoveu-se uma uniformização da educação em todo o território – o que estimula o sentimento de identidade nacional – e sua expansão para um número cada vez maior de pessoas, inclusive das camadas mais baixas da população, visando capacitar profissionais para trabalhar a serviço do Estado. Mesmo no ensino superior, houve uma crescente especialização e “cultura” havia-se tornado sinônimo de acumulação de conhecimentos e não mais a incessante busca de cultivo e desenvolvimento de um tipo superior de humanos. Por isso, na passagem seguinte, Nietzsche denuncia que seu tempo esqueceu a finalidade do ensino superior e que faltam os verdadeiros educadores:

O que há de principal para toda a educação superior perdeu-se na Alemanha: a finalidade tanto quanto o *meio* para a finalidade. Esqueceu-se do fato de que a meta é a própria educação, a própria formação, e *não* "o império": o fato de que se precisava de *educadores* para alcançar essa meta – e *não* professores ginásiais e eruditos universitários... Educadores são necessários, educadores *que sejam eles mesmos educados*, espíritos superiores e nobres, que mostrem seu valor a cada instante, através da palavra e do silêncio, culturas que se tornaram maduras e *doces*. - *Não* estes brutescos eruditos que os ginásios e as universidades oferecem hoje em dia à juventude como "amém superior". *Faltam* educadores, descontadas as exceções das exceções, a *primeira* condição prévia da educação: *daí* a decadência da cultura alemã.⁵¹

Ora, se as classes baixas são não mais que braços a serviço do Estado, as classes médias têm como máximo objetivo seu desenvolvimento econômico individual e, conseqüentemente, o crescimento econômico do Estado e as classes altas visam somente colocar todas as forças a serviço do Estado a fim de desenvolvê-lo econômica e politicamente, tornando-o uma grande potência internacional, o próprio Estado, e não a cultura, é a finalidade desta época. É o que se nota no já naquela época muito famoso hino alemão: “Alemanha, Alemanha acima de tudo”, tão criticado e ironizado por Nietzsche. Para ele, “uma concepção adequada de política é aquela que a vê como um meio para um fim: a produção de cultura e de grandeza humana”⁵².

⁵⁰ NIETZSCHE, F. *Despojos de uma tragédia*. Trad: Ferreira da Costa. Lisboa: Educação-Nacional. 1944, Carta XXVI, p. 87

⁵¹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 60

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

8. Considerações finais

Norbert Elias e Arno Mayer procuram inserir Nietzsche em seu tempo de outra forma, como se estivesse em conformidade com algumas fortes correntes de sua época. Para Elias, Nietzsche é apenas um ilustre representante de uma tendência geral de sua época: o culto da força e da brutalidade e a concomitante condenação da fraqueza e da moral de compaixão, que se seguiram às vitórias militares conduzidas pela política de poder prussiana. Segundo ele, Nietzsche “mal levou em conta quão profundamente o seu louvor da força e da vontade de potência estava ligado a eventos seus contemporâneos, e às conclusões práticas que sugeriram a pessoas pensantes”⁵³. Inconscientemente,

com a elevação que fazia do poder na escala de valores humanos, e a depreciação dos socialmente fracos e do código burguês de moralidade, estava dando expressão intelectual, ao nível da mais alta universalidade filosófica, às tendências de desenvolvimento que, de um modo não intencional e com escassa discussão, estavam tornando-se dominantes na sociedade alemã do *Kaizerzeit* que ele tão freqüentemente atacou⁵⁴.

Arno Mayer salienta que as críticas elitistas tiveram um grande crescimento no final do século XIX e coloca Nietzsche como mais um – embora um dos principais – de seus porta-vozes. Segundo ele explica:

O darwinismo social e o elitismo brotaram de um único e mesmo solo. Ambos desafiavam e criticavam o iluminismo do século XIX, e mais particularmente as pressões pela democratização social e política. O termo ‘elite’, carregado de valores, só se definiu como tal de forma plena no final do século XIX, e recebeu sua mais ampla e corrente aceitação em sociedades ainda dominadas pelo elemento feudal. Mas, por toda a Europa, as teorias da elite se espelhavam e racionalizavam práticas dominantes correntes, ao mesmo tempo em que serviam como arma na batalha contra o nivelamento político, social e cultural. Nietzsche foi o menestrel-mor dessa batalha.⁵⁵

Nós nos permitimos discordar dos dois. Nietzsche nem constrói sua filosofia inconscientemente arrastado pela onda nacional-militarista alemã, nem se insere simplesmente no grupo daqueles que buscam defender as elites européias das massas em ascensão. Nietzsche não é nacional-militarista porque defende o desenvolvimento cultural, com aquela concepção mais ampla do termo “cultura”, como cultivo de um tipo superior de homem, forte, criador, representante aristocrático das forças ascendentes da vida. E para ele, como vimos, o Estado é antagonista da cultura. O

⁵² ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 22

⁵³ ELIAS, N. *Os Alemães*. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 114

⁵⁴ ELIAS, N. *Os Alemães*. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997, p. 115

⁵⁵ MAYER, A. *A Força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras. 1987, p. 276

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

nacionalismo e o culto do estado são formas de massificação e embrutecimento e não de desenvolvimento cultural superior.

Também não é um simples porta-voz da elite, por que também critica esta mesma elite. Aristocracia, para Nietzsche não é simplesmente a classe dirigente ou as altas camadas políticas e econômicas. O aristocrata de Nietzsche é aquele que representa as forças ascendentes da vida: é forte, corajoso, orgulhoso de ser quem é, criador dos próprios valores, busca sempre se superar, se elevar ainda mais, é afirmador da vida mesmo em toda a sua dureza e em todo o seu sofrimento. Esse é o aristocrata de Nietzsche e não a elite política alemã com todo o seu investimento no desenvolvimento do Estado e na uniformização de seus habitantes, nem muito menos da elite econômica, que é a própria burguesia ascendente que Nietzsche tanto critica e identifica com alguns dos principais sintomas de decadência de seu tempo. A aristocracia de Nietzsche é espiritual (espírito como metáfora para grandeza, força, coragem e autoconfiança) e cultural.

Como vimos neste trabalho, Nietzsche diagnostica sua época como decadente, por estar contaminada, nos seus valores e instituições fundamentais, pela moral de ressentimento. Os principais sintomas que permitem este diagnóstico são o avanço do liberalismo e dos ideais democráticos e socialistas, a forte presença do cristianismo e de um nacionalismo exaltado promovendo o culto do Estado como se este fosse um ídolo.

O diagnóstico nietzschiano passa principalmente pelos objetivos de seus contemporâneos: acumular recursos materiais, escalar em direção a cargos políticos mais altos, aumentar o poder do Estado alemão, nas Universidades acumular saberes... e para que? Uma vez que foi feito do nivelamento um ideal – um ideal forjado pela moral cristã –, ninguém mais procurava cultivar-se, elevar-se acima de todos os outros, afirmar-se como excepcional, criar algo para além de si mesmo.

Embora Nietzsche tenha sido praticamente ignorado por seus contemporâneos, tendo começado a ser realmente lido na Alemanha após a crise nervosa que encerrou sua carreira de escritor e somente através das compilações feitas por sua irmã, que resultaram em sua já tão discutida apropriação nazista, o fato é que seu pensamento transborda os limites de sua própria época e viaja através do tempo, proporcionando sempre novas descobertas e interpretações, e trazendo, sem dúvida, àquele que se propõe a estudá-lo, grandes contribuições. Nos vemos obrigados, por exemplo, a pensar: e nós, mais de um século depois, como é que estamos vivendo? Quais são nossos objetivos? Quais são nossos ideais? Teremos aprofundado ainda mais aqueles sintomas de decadência apontados por Nietzsche?

Os ideais liberais-democráticos imperam absolutos em nossa vida cotidiana. Temos como objetivo máximo conseguir e acumular mais dinheiro. O democratismo geral chegou a nossos espíritos, de maneira que não nos permitimos pensar em nos tornarmos excepcionais. O máximo de destaque a que podemos aspirar é o sucesso profissional na área em que estivermos inseridos. Acima

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

de tudo, queremos conforto e estabilidade. Quando não estamos trabalhando, não nos faltam diversões. Vivemos na era do divertimento fácil: programas de televisão aos montes, jogos eletrônicos, sites diversos que pouco ou nada têm a acrescentar em nosso desenvolvimento pessoal. Somos bombardeados por informações a *gigas* por segundo, numa quantidade que supera em muito nossa capacidade de recebê-las criticamente, de refletir sobre elas, de transforma-las em material fecundo para nós, em alimento para nossa própria capacidade de ação e criação. As artes oscilam entre o estatuto de meros objetos de consumo, que seguem as tendências da moda e do mercado e o de simples objetos de divertimento e distração.

Na política há um domínio inquestionável dos discursos socialistas e democráticos, em que a preocupação central parece ser sempre a “questão social”, ou seja, a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos sócio-economicamente. Basta vermos que numa campanha eleitoral atual, nenhum candidato se atreve a falar em nome do excepcional, do desenvolvimento de espíritos aristocráticos – cogitar esta possibilidade nos parece, à primeira vista, até absurdo – mas, somente em nome da maioria, do povo, dos pobres, dos desvalidos, dos despossuídos, dos necessitados.

Embora a internacionalização do capital, da tecnologia e da informação venha diluindo fronteiras e fundamentos há muito estabelecidos, fazendo diminuir consideravelmente os fanatismos nacionalistas e o próprio sentimento de pertencimento a um Estado específico, por outro lado, observamos o recrudescimento de instituições tradicionais, que resistem a este movimento de diluição tão próprio do nosso tempo. É o que vemos, por exemplo, no avanço considerável do fanatismo do tipo cristão, em todas as suas vertentes, que se mostra cada vez mais capaz de mobilizar as massas, formar opinião e procura, com algum sucesso, intervir enfaticamente em questões políticas e sociais partindo de seus retrógrados pontos de vista.

Na academia, não cessamos de nos tornar especialistas num único tema, autor ou conceito. Estimulamos, assim, a compreensão exata daquilo que a tradição já produziu, em detrimento do desenvolvimento do poder crítico e criativo dos estudantes. Ainda pensamos “cultura” como acumulação de saberes e não como cultivo de si, auto-superação, auto-elevação. Parece que tudo já foi feito, que tudo já foi pensado e que nada mais nos resta senão tentar compreender.

Em toda a parte reconhecemos a manifestação dos valores da moral de ressentimento puxando para baixo, nivelando, igualando, homogeneizando. Onde estão aqueles espíritos fortes e corajosos que desejam destacar-se, tornar-se excepcionais, elevar-se ainda muito além do conforto, da estabilidade e do sucesso profissional?

Fica difícil não reconhecer que os sintomas de decadência denunciados por Nietzsche só se agravaram. Ou talvez seu diagnóstico esteja equivocado e não haja neste estado de coisas qualquer sinal de decadência. De qualquer forma, o simples contato com esta questão serve ao menos para nos fazer refletir sobre a maneira como estamos vivendo e pensar ou repensar nossos objetivos e ideais.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

Referências

- ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político*. Trad: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997
- DRIJARD, André. *Alemanha: panorama histórico e cultural*. Trad: António Pescada. Lisboa: Dom Quixote. 1972
- DROZ, Jaques. *História da Alemanha*. Trad: André Luis C. Monteiro. Lisboa: Europa-América. 1985
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997
- KENT, George O. *Bismarck e seu tempo*. Trad: Lúcia P. Caldas de Moura. Brasília: UNB. 1982
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993
- MAYER, Arno. *A Força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras. 1987
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Vontade de Potência* (Volumes 1 e 2). Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *A Genealogia da Moral*. Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *Assim falava Zaratustra*. Trad: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *Além do Bem e do Mal*. Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *O Anticristo*. Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *O Caso Wagner*. Trad: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d
- _____. *Despojos de uma tragédia*. Trad: Ferreira da Costa. Lisboa: Educação-Nacional. 1944
- SPENLE, J. E. *O Pensamento alemão – de Lutero a Nietzsche*. Trad: Mário Ramos. Coimbra: Armênio Amado. 1973

Trabalho recebido em 17/10/2010. Aceito para publicação em 12/11/2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.56-72
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------